Metamorfose e Carta ao Pai: Kafka, um Desejo de si Falar, Pai!

Vanuza Souza Silva/UFPE/UEPB

1.1 Kafka - por uma Maquinaria Literária

A literatura de Kafka, especialmente *Metamorfose e Carta ao Pai* me possibilita pensar como dados valores foram vividos e pensados em outras épocas. Analisando a constituição do saber literário no final do século XIX e início do século XX, faço aqui uma reflexão sobre a relação família e infância na literatura de Kafka, para pensar como a escritura literária de um autor vai criando valores, desterritorializando outros, ao mesmo tempo em que nos inspira a pensar nossa escrita e os valores que nela vamos escrevendo e criando, abrindo um leque de possibilidades para discutirmos a família e a infância na literatura e fora dela.

A literatura aqui não está sendo pensada como o outro da ciência ou como o outro da verdade, penso aqui seguindo as diretrizes do pensamento de Foucault, a literatura como um saber produtor de uma dada verdade (2000, p. 132), como um escrito que carrega uma vontade de verdade, criando temporalidades, empilhando espacialidades e cartografando gestos, desejos. Mas inspirada também nos escrito de (Hyden White 1991, p. 21), penso que a literatura também tem seu estilo, suas regras de formação discursiva, tem um conjunto de normas que a define e a institui no campo da literatura, mas um campo aberto inclusive a outras possíveis combinações.

Kafka traz uma discussão importante dentro da maquinaria discursiva do final do século XIX e início do século XX, é um discurso produtor de subjetivações ao mesmo tempo em que é resultado de um processo de subjetivação (2004, p.34), assim estou pensando a textualidade de Kafka, uma máquina produtora de gestos e atos, que aciona e é acionada por ela, por isso a necessidade de pensar questões fundamentais e que se repetem ao longo de suas obras, seu discurso sobre a família e a infância, esses universos persegue e segue a produção do autor, essa relação de tema parece instituir um tempo que vai sendo redescoberto, desdobrado. A literatura de Kafka não aparece como uma sublimação, mais do que isso se pensarmos com Proust e Deleuze (2006, p. 23), mas como o tempo da aprendizagem, onde o escrever parece ser assinalar a morte de um gesto e a descoberta ou criação de outro. Na literatura de Kafka parece haver essa necessidade de criar outras formas de relação com sua família e consigo mesmo, para isso parece ser preciso expurgar a prisão onde essa relação é marcada.

A criação desse texto se debruçará sobre dois principais contos de Kafka, trata-se de A *Metamorfose* e *Cartas ao pai,* contos que deixam explícitos o universo de relações que o autor vai criando para se explicar no universo da família, explicar sua relação de filho e explicar-se dentro desse universo de enfrentamentos na literatura.

Antes da análise discursiva dos contos mencionados, faz-se necessários pensar que a escrita dos contos do autor repete em grande medida alguns temas, dentre eles, o tema da família, o tema da sua relação com seus pais, o tema da transformação do homem em animal, o que nos faz ver que na verdade não se trata de uma repetição de temas, mas de um encontro de questões que vão sendo redescobertas dentro da trama literária que o mesmo vai criando, é como se o reescrever fosse o eterno redescobrir, fazer-se diferente daquilo que seu texto aciona (1987, p. 32)

Muitos contos do autor vão trazendo as presenças do seu pai, a relação do homem animal numa situação de angústia, dor, mas também humor, liberação do desejo, como a firma Deleuze (1997, p.34). *A Metamorfose* como analisarei mais adiante é a criação da transformação de um homem, um caixeiro viajante em um inseto que irá distanciar, mas ao mesmo tempo aproximar e recriar todos os gestos de sua família. Mas vários outros contos do autor vão tematizar essa relação homem-animal, como ocorre em *Um Cruzamento,* neste texto há uma mistura, um hibridismo do homem com o animal, hibridismo herdado do pai, e o personagem aparece como sendo metade gato e metade cordeiro, mas o interessante é que as aparências deste animal não são fixas, esses animais às vezes parecem ser uma mistura de cachorro e humano. Esse animal, uma forma herdada do pai, tem uma proximidade com o dono, sofre com o dono, momento que aparece a relação com o cachorro, ao mesmo tempo um animal que chora e sofre com os problemas desse dono, momento que faz visível as angústias e sofrimentos do ser humano, o animal na sua forma parece ter mais coisas humanas que o próprio dono. *O Covil* é também outro conto onde a relação homem-animal aparece, mas aqui é uma relação do homem servindo ao animal, o personagem central pretende construir o covil perfeito, inacessível aos outros animais e com comida sempre à mão. *Fábula curta* é uma versão curta e filosófica da história do gato e do rato. Franz Kafka usa ainda os animais para ridicularizar os homens: *O novo advogado* trata de um cavalo no mundo do direito. *Comunicação a uma academia* é a história um símio que se decidiu tornar humano, contada na primeira pessoa, numa palestra ficcionada. Quando se comparam homens e animais, os primeiros ficam sempre a perder. Mas este palestrante acaba por escolher aprender a ser homem, deixando-se contagiar pela paixão pelo saber.

Outros contos também vão trazendo simbolicamente a presença dos animais e suas relações com os homens, por exemplo, em *Chacai e Árabes* o tema é o conflito entre essas duas culturas, mas o fim da história se dá co o sacrifício de um camelo, em que o sangue deste é bebido pelos chacais, que apanham durante esse episódio por um árabe, há referência de que os chacais seriam os judeus. Em *Um Artista da fome*, a presença ausente do tema animal aparece de forma diferente, mas ainda assim o animal parece ser um símbolo em disputa e combinação com o homem na trama do autor. Nesse conto o artista que trabalha como estátua de vitrine é substituído pela imagem do animal no zoológico, o artista morre e sequer é percebido porque as pessoas que antes o admiravam estão a admirar os animais em suas jaulas.

Sobre a temática do pai esta também se repetirá ao longo dos contos do autor, mas em *A Metamorfose*, *A sentença*, e *Cartas ao Pai*, *A Preocupação de um Pai de Família* a relação pai e filho aparece de modo mais claro. Em *A Sentença*, história que nos remete para o mundo dos juízes e das leis, Kafka constrói um conto à volta da verdade, da mentira e da amizade. O desfecho da trama é uma conversa entre pai e filho. Sentenciado como culpado, o filho cometerá o suicídio. *A Metamorfose* e *Cartas ao Pai* constituem os contos que aqui serão analisados para pensar os dramas da família e da infância no discurso do autor. Estes contos tratam de temáticas recorrentes no século XIX, momento em que as ciências estão se instaurando como um saber verdadeiro sobre o homem, criando uma série de verdades para definir os valores dessa sociedade moderna, valores que perpassam a estância da família, do corpo, da saúde, da razão, da religião, da vida. No século XIX, como sugere Foucault, o homem questionador da verdade divina, percebe-se finito, percebe assim sua morte, as ciências são ditas assim como a salvação do homem, da sociedade (200, p. 45). As ciências médicas, por exemplo, criam um saber/poder sobre o corpo/doente; as ciências sociais, juntamente às ciências biológicas criam padrões de normalidade, modelos de família, nesse caso, o modelo de família nuclear. É nesse momento portanto que se tem a definição do homossexual como um personagem doente, margem do homem e da mulher, o outro da heterossexualidade.

No momento em que o século XIX padroniza corpos e tenta cientificizar a razão, a literatura à beira das inspirações nietzscheanas que via na arte e na poética o poder da criação humana (2000, p.23), vem cortar o logos moderno, escrevendo para não morrer (1987, p. 78), como diz Blanchot, a escrita literária se põe contra a harmonia e lógica do saber ocidental, com a mesma força que o logos questionava o deus medieval. Quando a escrita de Kafka se institui como obra, o discurso criminológico está definindo também "o que é o criminoso". As teorias positivistas e clássicas estão debatendo o perfil biológico e naturalizante do criminoso (1991, p.93),

definindo ao mesmo tempo as maneiras de punir a alma desse criminoso a partir das leis jurídicas.

Nesse contexto em que as ciências estão definindo os corpos e os gestos, disciplinando e individualizando os sujeitos, a literatura como sugere Foucault, vem cortar a linearidade, a harmonia e o logos da maquinaria cientificista. A literatura aparece em muitas produções de autoria como o anti-logos, saber que corta, uma navalha fina a perfurar a racionalidade da sociedade moderna. Talvez somente assim podemos compreender Kafka, sua literatura e seus dramas. Em um texto onde discuto as autorias masculinas no século XIX na literatura de Kafka e Dostoievski vou mostrando essa discussão anti-norma e anti-logos que esses autores vão tecendo nos seus textos, inclusive os criminosos que aparecem não são pobres e miseráveis, são burgueses, o que já mostra uma fuga a uma discursividade da época. Além disso, quando se colocavam os criminosos como sujeitos agressivos e a justiça como a salvação das almas "sujas", Kafka e Dostoievski estão colocando os criminosos e a criminologia em outro lugar (SILVA, 2009). Em O Processo, por exemplo quem acaba sendo a criminosa é a disciplina da justiça, que persegue e tortura um possível acusado sem provas, sem sequer esclarecer ao certo o crime. O acusado não suportando foge e é enforcado por policiais.

1.2_ Da constituição dos dramas: A Metamorfose e Cartas ao Pai

Nos contos *A Metamorfose* vemos a maquinaria de Kafka acenar para muitos caminhos. Este conto é um discurso acontecimento porque com Certeau (1994, p. 45) e Foucault (1992, p. 45) aprendi que os relatos são ações, que as linguagens modificam-se no e o ato, como também afirma Wittengstein (1999, p.65). O discurso de Kafka é visto assim como uma prática. As palavras praticam relações, universos de ações as mais variadas. Em *A Metamorfose* vemos se materializar um mundo de desejos possíveis, gestos folheados de lembranças rarefeitas, criando imagens e paisagens difíceis de resolverem. É o gesto de escrever! Dá-se a instituição de paisagens diversas, que se conversam e se descansam na sombra de tantos enfrentamentos do passado.

O conto supracitado faz a história de um caixeiro viajante que numa manhã acorda transformado em inseto. É em torno desse acontecimento singular que as paisagens do mundo de Kafka vão se construindo voluntária e involuntariamente. O acontecimento da transformação é o desfecho para o autor ir buscando na memória

voluntária as relações familiares, os traumas que parecem ser constituídos na infância, demonstrando a cada tempo criado no texto, os enfrentamentos na vivência de uma família de tradições judias. Se pensarmos, porém, com Proust, o acontecimento-inseto é também uma relação com uma memória involuntária, porque rompe com a harmonia, a linearidade e a ordem das coisas que pretendiam as relações familiares do autor Kafka e repetidamente desmanchadas e questionadas ao longo da vida-obra do autor.

A transformação de Gregor em inseto primeiramente o coloca em conflito com seu próprio mundo, com sua relação física e biológica, porque realça o seu estar no mundo, e posteriormente, vai escrevendo como esse novo mundo vai enfrentar o seu mundo externo e mais próximo, a família. Nos primeiros momentos a questão de Gregor era adequar-se à essa nova performance, desligar-se dos gestos antigos; o segundo momento é adequar essa nova paisagem à paisagem tradicional da família.

> Quando certa manhã Gregor Samsa despertou, depois de um sono tranqüilo, achou-se em sua cama convertido em um monstruoso inseto. Estava deitado sobre a dura carapaça de suas costas, e ao erguer um pouco a cabeça viu a figura convexa de seu ventre escuro, sulcado por pronunciadas ondulações, em cuja proeminência a colcha, que estava a ponto de escorregar para o solo, mal podia se manter. Inúmeras patas, lamentavelmente esquálidas em comparação com a grossura comum de suas pernas, ofereciam a seus olhos o espetáculo de uma agitação sem consciência. – Que me aconteceu? (2009, p. 13)

A relação de mergulho em si é melancólica; a relação com a família é caótica porque ele consegue compreender-se mesmo que dolorosamente nesse novo estado, sua família não pode, não consegue, a relação se cria crepuscular. Gregor era um trabalhador que sequer faltava o trabalho e nessa manhã de transformação fez-se ausência para o seu gerente. Gregor estava a modificar seu tempo e os sentido que havia criado nas pessoas de si. O seu tempo agora não mais correspondia ao tempo do trabalho, era um tempo poesia, tempo de auto sentir, de auto compreender, tempo que combatia fervorosa e melancolicamente o tempo da ordem linear. Era o seu tempo: "(...) mas logo recordou que melhor do que tomar decisões extremas era meditar serenamente. Seus olhos cravaram-se com força na janela (...)" (2009, p.23).

Como afirma Deleuze (1997, p. 67) o inseto aparentemente traz a sensação apenas de angústia e dor, mas o se permitir inseto é o se permitir estar em si, uma

realização de um desejo, desejo que funciona na solidão de si, que tortura a si, mas que materializa uma luta permanente pelo criar-se livre, mesmo que repudiado, livre das obrigações, das funções de filho, de trabalhador, irmão.

A transformação traz o desabamento das relações com o pai, a mãe e a irmã, desabamento das temporalidades e espacialidades. Ora numa sociedade racionalista, que autoriza a razão, a perfeição e a harmonia das relações, constituinte de um modelo de família nuclear, Kafka vem cortar essa proposta, esse logo, criando um filho-bicho, um filho-inseto, um filho-animal, aquele que desterritorializa o terreno do amor, da paternidade, da maternidade e fraternidade, conceitos tão caros ao século XIX.

São muitos os momentos que a família de Gregor sente vergonha, nojo e desejo de morte daquele inseto, que é o filho e o irmão. Há a culpa familiar e o medo de que de que os vizinhos vejam aquela imagem. Mas como diz Foucault toda relação de poder também produz sua positividade. A irmã nessa relação de transformação, que era tida como submissa e dependente, começa a voar, a conduzir-se numa situação extremamente trágica, enfrenta o inseto, alimenta-o, oferece a si e ao inseto momentos, embora frustrados, de aproximação e desajeitados afetos, de leve sensação de amorosidade - sempre nos ensinaram a afastar de nós o outro.

O espaço familiar estava caotizado, financeiramente a ausência de Gregor abalava, mais do que isso, a presença-inseto de Gregor desterritorializava os lugares do pai, da mãe e da irmã. Gregor estava em outro estado, mas também os seus pais, sua mãe e irmã assim estavam, estes desejavam o Gregor-homem, o Gregor-normal, porque é esse o desejo das famílias, o padrão da normalidade. O inseto é a fuga disso. O pai que lhe era tão atencioso era-lhe agora firme e exageradamente severo, desmanchando a antiga imagem de um pai atencioso e afetuoso, pai que num instante de desespero atira sobre suas costas uma maçã, a mesma que ficara em suas costas travada, culminando na sua morte, mas é esse episódio que traz à família a sensação de que ali estava um humano, seu filho e irmão.

> Aquela ferida pareceu recordar ao pai que Gregor, apesar de sua triste e repulsiva forma atual, era um membro da família ao qual não se devia tratar como inimigo (...), pelo contrário, respeitá-lo e que era um dever da família sobrepor-se à repugnância e resignar-se, resignar-se e nada mais (200, p.57)

A morte era um desejo da família que não suportava o filho-inseto, mas apesar de toda tortura e solidão não era esse o desejo de Gregor que contra sua vontade "despediu debilmente seu último alento" (2009, p.57). Esse texto cria questões para a nossa contemporaneidade, para nossas famílias e filhos: Como lidam nossas famílias hoje com os filhos transformados? Como lidam com os filhos que desterritorializam seus lugares fixos de pai, mãe e filho? Que relações são criadas nesse enfrentamento de estados?

Cartas ao pai, outro conto a lacrimejar emoção e situação, outra maneira de contar seu estado de filho na família e junto a ela. O texto traz uma história de si, agora a situação de transformado, de margem parece na própria forma humana de Kafka, que mais uma vez é o filho-inseto, dentro de uma tradição de família judia. "Nesta carta ao pai ele procura analisar, numa deliberada tentativa para encontrar um ponto de apoio na areia movediça em que se constituíam as suas teorias sobre o mundo exterior, as suas relações com a família, mais particularmente com o pai". (75)

Como o faz Graciliano Ramos em *Infância,* o início do texto é um relato sobre a autoridade do pai e o sentimento de culpa do filho, relato da força do pai e da fraqueza do filho. O relato vem em forma de confissão, mas também de cobranças. O filho, Kafka, teme o pai e o temor aparece até mesmo na maquinaria literário do autor, que escreve com medo das palavras, ao mesmo tempo sentindo certo alívio por saber que o pai não chegaria a ler tal escrita. Talvez aqui possamos pensar mais uma vez com Proust, quando diz que somente os signos da arte são superiores, no caso de Kafka, parece que a literatura é a única coisa que lhe salva e lhe ameniza o temor ao pai e o passado que traz essa relação de medo. A literatura no sentido proustiano salva Kafka, salva sua situação de filho-inseto, filho animal, filho-fracassado.

Kafka nesse conto vai escrevendo a história de sua infância e os temores criados nela. A escrita vai se relacionando com as temporalidades que se misturam e que vão definindo sua relação com seu pai em tempos múltiplos e empilhados.. A escrita vai (re)significando e imprimindo sentido ao tempo vivido com o pai, desdobrando as marcas do passado, redescobrindo outras possíveis relações. A escrita de Kafka funciona como aquilo que registra o que foi, mas como um pedido do que poderia ser, há uma melodia de lamento perseguindo a literatura kafkaniana.

> Eu era um menino medroso, mas era também teimoso,como são as crianças, minha mãe terá me criado mal, mas não posso acreditar que fosse tão difícil conduzir-me, não posso acreditar que uma palavra amistosa, um silencioso segurar minha mão,

> com olhar bondoso, não pudessem ter exigido de mim tudo o que se quisesse. (2009, p. 89)

O mundo de Kafka nesse texto analisado é racionalizado, ele precisa se explicar no mundo, o que mostra a época do autor, onde tudo precisa ser explicado, confessado e dito, embora fugindo a dados valores, desse não foge. Suas experiências são explicadas, desdobradas, como que pra si outras relações, como quem quer juntar-se novamente ao pai e a tudo o que a sua relação com o pai trouxe. Explicando-se ele divide as temporalidades criadas com seu pai: "(...) eu dividia o mundo em três partes: uma onde eu vivia o escravo (...) um segundo mundo, infinitamente afastado do meu pai (...) um terceiro mundo, onde vivia o povo livre e alegremente (...)". (2009, p.97)

A escrita de Kafka é também reconhecimento do poder e autoridade do pai, o reconhecimento de que era ele o outro de seu progenitor. Sua escrita parece ser um pedido para entrar no universo do pai, universo que sempre lhe é estranho por se sentir como o filho que não correspondia aos anseios do pai: "podia desfrutar o que me davas, mas somente com vergonha, cansaço, fraqueza, sensação de culpa" (...) perdera diante de ti a confiança em mim mesmo e adquiri, em troca, uma enorme consciência de culpa". (2009, p.98)

Nesse conto especificamente, o autor busca situar o conflito, tornar claro pra ele mesmo a relação com o seu pai, construindo um enfrentamento literário, compreendendo na escrita a si e o seu pai, tentando esclarecer os objetivos dos valores, da educação ensinado pelo mesmo, tenta, sobretudo, compreender porque um dos valores ensinados, como o judaísmo, não os salvaram. O terreno de Kafka pra explicar-se e ao pai é, sem dúvida, um terreno movediço.

A solidão, o afastamento com o pai, os casamentos, a literatura são para Kafka constituem o terreno da materialidade da busca constante do autor, a literatura o salva e o explica, nela encontra subterfúgios para expor a si e ao pai, como quem busca a salvação e a redenção, não no sentido mórbido, mas no sentido de criar pra si outras relações, relações diferenciadas. A literatura, como diz o autor, "torna mais fácil o viver e o morrer".

Carta ao Pai não fora lida pelo pai, mas certamente organizou seus diversos tempos vividos com o pai, parecendo servir como preenchimentos de diversos vazios criados na relação com o pai, culminando numa sensação de culpa e fracasso ao mesmo tempo. O pai é inscrito assim como a imagem da fortaleza, referência que o filho Kafka nunca conseguira copiar, seguir, vencer. Essa maquinaria literária é uma

arte de dizer que faz, que pratica e que pode ser um ponto de referência para nos pensarmos nas nossas relações familiares, nos gestos que criamos junto a elas, que impomos, que obedecemos e que enfrentamos, pensarmos o trato que criamos cm os nossos e com os nossos outros..

Em *Cartas ao Pai* Kafka é mais uma vez um filho-inseto, agora com a roupagem humana. Mais uma vez assume o papel do filho estranho ao pai, aos valores do pai e essa relação criada no seu texto nos inspira a pensarmos as relações familiares hoje, as relações entre filhos e pai. O que estamos fazendo das nossas relações familiares? Que lugares estamos criando para os nossos filhos, filhos muitas que se transforma e são desapercebidos pelos pais?

A literatura de Kafka embora escrita no século XIX traz um leque de possibilidades para repensarmos a educação, as relações familiares que estão sendo constituídas na nossa sociedade e inclusive fazermos da literatura um discurso privilegiado para discutirmos questões fundamentais do nosso dia a dia, porque a literatura não pode mais ser vista como um discurso fictício apenas, a literatura opera com uma série de sentidos, criando e recriando os que já existem e apontando não para o passado apenas, mas para o futuro.

BIBLIOGRAFIA

BLANCHOT, M. *O Espaço Literário*. RJ: Rocco, 1987.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*: Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.

DARMON, Pierre. *Médicos e Assassinos na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Coleção TRANS. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. Proust e os Signos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

KAFKA, Franz. *A Metamorfose. Um Artista da Fome. Cartas ao Pai.* São Paulo: Martin Claret, 2009.

_____. *A Colônia Penal e Outros Contos.* Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

_____. *O Castelo.* Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d.

FOUCAULT, Michel. *A Microfísica do Poder*. Org. e trad. de Roberto Machado. 10ª ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1992.

FOUCUALT, Michel. (1978a) Sexualidade e Politica. In: Motta, M. (Org.). *Michel Foucault Ditos e Escritos: Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro:Editora Forense Universitária, 2004, v.5.

NIETZSCHE, Friederich. A Gaia Ciência. São Paulo: Editora Escala.

MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Editora, 2000.

SILVA, Vanuza Souza. Crimes e Masculinidades: Questões de Kafka e Dostoievski. 5º Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades.Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba

WHITE, Hyden. *Teoria Literária e Escrita da História*. Estudos Históricos, Rio de janeiro, vol. 7, n. 13, 1991.

_____. *Trópicos do discurso. Ensaios sobre a crítica da cultura.* São Paulo:

Ed. USP, 2001.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda. 1999.